

PLANETA

SOBREVIVÊNCIA



Energia. Vertedouro evita cheias no lago de Itaipu: qualidade da água define vida útil da hidrelétrica

Usina expande programas socioambientais

Cidades beneficiadas passaram de 16 para 29; meta é proteger nascentes e, por tabela, a água que chega ao reservatório

Bruno Deiro
ENVIADO ESPECIAL | FOZ DO IGUAÇU

O gigante de aço e concreto que por décadas buscou remediar o inevitável impacto ambiental de suas obras, encerradas há 30 anos, hoje quer reduzir a influência que sofre de seu entorno. Desde 2003, Itaipu expandiu os programas socioambientais de 16 para 29 cidades, atuando em toda a bacia do Rio Paraná 3. O motivo, porém, vai além de contrapartidas obrigatórias: é também uma questão de sobrevivência.

Mensurar a extensão da influência da hidrelétrica sobre o ecossistema local é quase impos-

sível – na época da construção, a prioridade era econômica, e não ambiental, e não foi feito um inventário detalhado da fauna e flora. Sabe-se, por exemplo, que hoje há cerca de 70 novas espécies de peixe na região, mas os dados anteriores à usina são pouco abrangentes.

Há quem se apoie nesta fragilidade de informações para questionar as mudanças na região. Corre na Justiça um pedido de indenização de R\$2 bilhões feito por 1,3 mil produtores rurais de 13 municípios que margeiam o lago de Itaipu. Eles alegam que a usina causou alterações microclimáticas em uma área de 700

km², supostamente provocando queda de 40% na produtividade. Uma comissão técnica, com a participação do Instituto Ambiental do Paraná (IAP), estuda a alegação, descartada pela empresa. A “cortina verde” formada no reservatório, alegam ainda, causa danos às lavouras e seria responsável por supostos prejuízos acumulados há 25 anos.

A reconstrução da mata ciliar ao redor do reservatório, porém, é um dos maiores orgulhos de Itaipu e está praticamente concluída. O desafio agora é fazer o mesmo nos 540 km de sub-bacias que desembocam no lago. “Começamos elegendo uma

bacia por município para recuperar com áreas de proteção, em acordo com os prefeitos. Hoje, já há cidades que estão perto de 100% de reflorestamento”, diz o diretor-geral de Itaipu, Jorge Sammek. “O processo só não tem sido mais ágil por conta da discussão sobre o novo Código Florestal, que causou indefinição.”

O programa Cultivando Água Boa intensificou a preocupação com as nascentes, que podem prejudicar a qualidade da água e ameaçar a vida útil da usina pela aceleração do assoreamento, entre outros problemas. Após redefinir o ecossistema da região de Foz do Iguaçu, no oeste para-

naense, a maior obra de engenharia já realizada no País foi atrás de comunidades que, desde 1991, eram beneficiadas apenas pelo pagamento de royalties.

“Ainda há muita desconfiança quanto aos programas. A percepção de meio ambiente é associada a multas e fechamento de fazendas”, afirma o diretor de Coordenação e Meio Ambiente de Itaipu, Nelton Friedrich.

A construção da usina, porém, deixou marcas duradouras. A maior delas foi o fim das míticas cataratas de Sete Quedas de Guaíra – decisão unilateral do regime militar. Centrada só no fornecimento de energia por mui-

tos anos, a binacional deu margem a mitos que sobrevivem até hoje: um estudo recente da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) da USP mostrou que 75% da população de Foz acreditam que há possibilidade real de a barragem ruir.

O valor da produção de energia de Itaipu, porém, é inquestionável. Responsável por cerca de 20% do total produzido no País, a usina deve superar a própria marca – por conta das chuvas no início do ano, já produz 3% a mais que o mesmo período de 2008, quando atingiu o recorde mundial de 94,6 milhões de megawatts/hora.



Desvio do rio (1977)
Um dos momentos mais críticos do projeto foi a mudança no fluxo do poderoso Rio Paraná para a construção da barragem.



Indenizações (1981)
Mais de 40 mil receberam compensação para deixar a área onde seria feito o reservatório, levando consigo casas inteiras.



Reflorestamento (4/1982)
Para garantir a qualidade da água, foi demarcada uma área de proteção com 1 milhão de árvores ao redor do futuro lago.



Inundação (10/1982)
Área de 1.350 km² foi alagada durante 14 dias para encher o reservatório, submergindo regiões férteis de 16 municípios.



Funcionamento (11/1982)
O vertedouro, com uma vazão equivalente a 40 Cataratas do Iguaçu, foi aberto no dia 5 e inaugurou oficialmente a usina.

IMPACTO AMBIENTAL EM ITAIPU

Principais ações ao redor da hidrelétrica

Refúgio de animais
Com o alagamento, uma parte da fauna local foi preservada em uma área próxima à usina

Canal de piracema
Estrutura seminatural garante que os peixes consigam subir o rio para fazer a reprodução

Mata ciliar
Vegetação à beira do lago é mantida por áreas de preservação permanentes (APPs), que evitam danos como erosão



Cidades vizinhas
Trabalho com agricultores evita a poluição de bacias próximas ao lago

Vertedouro
Regula os níveis do reservatório

Fauna aquática
Além do controle de biodiversidade dos peixes, programas incentivam a pesca sustentável

